

## (ECO) CATÁSTROFE EM MARCELO ARIEL: LEITURA DE DOIS POEMAS

### ECO-CATASTROPHE IN MARCELO ARIEL'S POETRY: ANALYSIS OF TWO POEMS

Isabelle Maria SOARES<sup>1</sup>  
 Maria Fernanda dos SANTOS<sup>2</sup>

**RESUMO:** Por meio da leitura dos poemas *Caranguejos aplaudem Nagasaki* e *Ailton Krenak conversa com Casê Tupinambá* (2019), o presente artigo expõe duas ocorrências (eco)catastróficas no espaço brasileiro que confluem em problemáticas ambientais e sociais e que se relacionam entre si dentro da poética de Marcelo Ariel. Nesse sentido, nosso estudo insere-se nas contribuições da Ecocrítica, modalidade que trabalha com as relações entre literatura e o mundo físico (GLOTFELTY, 1996). Entre o fogo e a água, a poética de Ariel denuncia o período ditatorial brasileiro e clama por um “não-apagamento” das memórias dos povos que foram vitimados, e ainda o são, pelos anseios do sistema capitalista, o qual coopera para realçar as problemáticas ambientais e sociais no Brasil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Marcelo Ariel; Ecocrítica; Cubatão; Sete Quedas.

**ABSTRACT:** By reading and analysing the poems *Caranguejos aplaudem Nagasaki* and *Ailton Krenak conversa com Casê Tupinambá* (2019), this article exposes two (eco)catastrophic occurrences in the Brazilian territory that merge into environmental and social problems and are connected to each other within Marcelo Ariel's poetics. In this sense, our study is part of the contributions of Ecocriticism, a modality that works with the relations between the literature and the physical world (GLOTFELTY, 1996). Between fire and water, Ariel's poetics denounces the Brazilian dictatorial period and calls for a "non-erasing" of the memories of the peoples who were victimized, and still are, by the aspirations of the capitalist system, which cooperates to highlight the environmental and social problems in Brazil.

**KEYWORDS:** Marcelo Ariel; Ecocriticism; Cubatão; Guaíra Falls.

#### Asas do progresso: Poesia e catástrofe

Marcelo Ariel é um poeta contemporâneo brasileiro, nascido em Santos, em 1968, mas que vive atualmente em Cubatão, cidade paulista que permeia fortemente a sua obra. A poética de Ariel trata de grandes desastres da civilização humana, tanto nacionais, como por exemplo, a supracitada cidade tóxica de Cubatão, a violência e as mazelas das grandes

---

<sup>1</sup> UFPR – Universidade Federal do Paraná. Curitiba – PR – Brasil. E-mail: isamariares@gmail.com.

<sup>2</sup> UFPR – Universidade Federal do Paraná. Curitiba – PR – Brasil. E-mail: maria.fer.s@live.com.

idades brasileiras, o progresso desenfreado, a miséria, o uso de crack, a população carcerária, etc.; bem como fatos históricos de tragédias mundiais.

Neste artigo, propomos a leitura de dois poemas de Marcelo Ariel, *Caranguejos aplaudem Nagasaki* e *Ailton Krenak conversa com Casê Tupinambá*, publicados no livro *Ou o silêncio contínuo* (2019). Por meio de nossa análise, apresentamos duas ocorrências históricas em território brasileiro que se distinguem pelo seu contexto geográfico, - Cubatão, em espaço urbano, e Sete Quedas, em meio a natureza, - mas que se aproximam pela emergência em se repensar as consequências devastadoras que a ideia do “Brasil em progresso”, difundida através de diversos projetos promovidos durante a Ditadura Militar (1967-1985), trouxe para diferentes comunidades brasileiras. Entre o fogo e a água, a poética de Ariel denuncia o período ditatorial e clama por um “não-apagamento” das memórias dos povos que foram vitimados, e ainda o são, por um pensamento ganancioso, consequente do colonialismo, que coopera com as problemáticas ambientais e sociais no Brasil.

Nossa perspectiva de leitura se alinha aos estudos da Ecocrítica, área relativamente nova que surgiu nos Estados Unidos no final do século XX. Uma das pioneiras no desenvolvimento desse conceito foi a estadunidense Cheryll Glotfelty, ao organizar e publicar o livro *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology* (1996), juntamente com Harold From, no qual expõe que, mesmo que desde 1970 a preocupação com o meio ambiente tem sido alvo das discussões de diferentes áreas das ciências humanas, como história e sociologia, ela era ainda considerada pouco relevante para os estudos literários. A pesquisadora passa a definir, portanto, a Ecocrítica, área que estuda as relações entre a literatura e o ambiente físico. Assim, os estudos ecocríticos devem possuir uma abordagem que vá além da natureza por si só, incluindo assuntos como animais, cidades, regiões geográficas específicas, rios, montanhas, desertos, indígenas, tecnologia, lixo e corpo humano” (GLOTFELTY, 1996). Atividades econômicas de exploração de recursos naturais que afetam diretamente determinados grupos (como proletários, comunidades pobres e povos indígenas) cabem, portanto, dentro do olhar da Ecocrítica.

Nesse panorama, Greg Garrard afirma, em seu livro *Ecocrítica* (2006), que essa modalidade crítica é “confessadamente política”, e, portanto, busca “uma síntese das preocupações ambientais e sociais” (2006, p. 14). Haja vista que o Brasil é um país configurado pela sua condição histórica de colônia, reverberando as suas problemáticas sociais em relação aos modos de produção capitalista, nosso trabalho se apoia na defesa de

Garrard de que é preciso explorar o encontro entre a crítica ambientalista e “a política colonial de resistência à globalização econômica” (2006, p. 167).

Garrard utiliza como exemplo o livro *Silent Spring* (1962) de Rachel Carson, o qual documenta os efeitos negativos causados pelo uso indiscriminado de pesticidas nos Estados Unidos<sup>3</sup>, para mostrar como o acesso ao conhecimento, uma das funções da Literatura, tem papel fundamental em denunciar que as catástrofes, sejam elas ecológicas ou outros tipos de destruição envolvendo seres vivos e objetos materiais, são consequências das relações que a sociedade mantém com a Natureza, especialmente da forma como explora e utiliza os seus recursos.

Dessa forma, um incêndio provocado pelo vazamento de oleodutos, a transformação irreparável em espaços geográficos e despojamento de povos indígenas de seus lugares de pertencimento em consequência de construções de usinas hidrelétricas são exemplos de ecocatástrofes presentes nos poemas de Marcelo Ariel. Assim como a publicação de Carson, a poética de Ariel nos convida a uma reflexão política e transformadora acerca dos impactos causados pela ganância humana aguçada pelo modo de vida capitalista vigente.

### **O anjo de Cubatão**

Uma imagem que ressurge em meio a obra de Marcelo Ariel é a figura do anjo da história de Walter Benjamin, o qual é lançado catatônico ao grande amontoado de ruínas da civilização. O próprio nome Marcelo Ariel – utilizado pelo poeta ao invés de seu nome de certidão, Marcelo Rodrigues do Santos – remete à figura de um anjo importante na tradição cristã, fazendo menção ao anjo mensageiro.

Gustavo da Silveira Ribeiro (2019), no artigo *A canção dos escombros: Walter Benjamin e a poesia brasileira contemporânea*, analisa como a figura do anjo da história aparece nos poemas brasileiros da contemporaneidade para afirmar as desigualdades sociais do Brasil. Um dos poetas destacados por Ribeiro é, inclusive, Marcelo Ariel. Para Ribeiro “a tensão incontornável da imagem, que traz ao centro um personagem agônico, cercado de dor e

---

<sup>3</sup> Segundo Garrard, o grande feito do livro de Carson (1962) “foi transformar um problema (científico) da ecologia num problema ecológico amplamente percebido, que foi então contestado nos planos político e jurídico, nos meios de comunicação e na cultura popular” (GARRARD, 2006, p. 18). *Silent Spring* não só conscientizou muitas pessoas acerca dos efeitos catastróficos causados pelo uso de pesticidas, como influenciou um movimento de divulgação científica que ampliou as preocupações acerca do assunto e a proibição do uso do DDT na agricultura nos Estados Unidos.

destruição, dilacerado entre o mundo dos homens e a possibilidade do paraíso, se projeta no corpo dos poemas de modo novo, único [...]” (RIBEIRO, 2019, p. 124).

A partir da poética de Marcelo Ariel, o professor Ribeiro (2019) ressalta que essa figura do anjo aparecerá em diversos poemas, observando e interagindo com os humanos com uma dada impotência, sem poder transmitir uma mensagem divina, diante de tantas catástrofes que acometem a humanidade (e aqui o cenário pode ser o Brasil ou qualquer lugar do mundo). Ribeiro faz a seguinte análise do poema *Caranguejos aplaudem Nagasaki*:

Depois de observar o cenário insuportável de morte e mutilação, apresentado pelo poeta a partir de imagens líricas que remontam a Dante (Beatriz, uma mãe solteira, é transformada em “outra coisa” pelo calor das labaredas), Alain Renais (cuja mistura entre sublime e grotesco de Hiroshima, mon amour orienta a cadeia de metáforas do poema, ao mesmo tempo piedosa e hiper-realista) e o Livro das Revelações, os anjos inquietam-se ante a imagem dos corpos carbonizados que assumem a gravidade de gestos da estatuária clássica (RIBEIRO, 2019, p. 122-123).

O poema analisado por Ribeiro já no título faz menção às explosões nucleares nas cidades japonesas Hiroshima e Nagasaki em 1945. O poema também traz referências ao incêndio na cidade de Cubatão em 1984, causado pelo vazamento de um oleoduto de gasolina da Petrobras, que consumiu a comunidade Vila Socó em chamas em pouco tempo, destruindo duas mil moradias de palafita e provocando a morte oficial de 90 pessoas – o que depoimentos de familiares e sobreviventes contradizem ao apontarem um número muito maior de mortes. Em entrevista ao programa *Entrelinhas*<sup>4</sup> da TV Cultura, Ariel fala sobre a questão da dor ser midiaticizada como espetáculo, e o quanto isso o afetou para a composição do poema, o que resultou na escolha do título fazendo referência à grande explosão das bombas em Nagasaki e Hiroshima, com o intuito de afirmar que a história é composta por uma repetição de tragédias.

Clayton Barbosa Ferreira Filho (2015) afirma que Vila Socó possuía na época do desastre uma população habitacional de cerca de 6 a 8 mil moradores, sendo marcada pela maior tragédia da história de Cubatão, seja pela maneira inesperada do ocorrido, bem como pela forma como fora narrada pela mídia.

Além da tragédia na Vila Socó, das crianças sem cérebro, das centenas de famílias com asma, bronquite, leucopenia, e tantos outros problemas de saúde na Vila Parisi em tantos outros bairros da cidade, podemos citar como um acontecimento positivo o processo de redemocratização – que retira

<sup>4</sup> Disponível em: [https://tvcultura.com.br/videos/29064\\_entrelinhas-marcelo-ariel.html](https://tvcultura.com.br/videos/29064_entrelinhas-marcelo-ariel.html) Acesso em: 18 mar. 2021

Cubatão como Área de Segurança nacional, possibilitando maior autonomia à cidade. Somado a atmosfera de mudança política propiciada pelo processo de redemocratização, a forte pressão popular, formada por funcionários das fábricas, movimentos ambientalistas e a população em geral, colaboraram para uma guinada em políticas públicas na área da saúde e ambientais em Cubatão e nas cidades afetadas pela poluição industrial ao final dos anos 1980 (FERREIRA FILHO, 2015, p.38).

Ainda no mesmo sentido, os pesquisadores Jó Klanovicz e Clayton Barbosa Ferreira Filho (2018) comentam o sucesso de desenvolvimento industrial da cidade de Cubatão, que em contrapartida, trouxe como consequências alguns dilemas, tais como as crianças anencéfalas, ou ainda natimortas, chuvas ácidas, explosões e incêndios, contaminação dos rios e do ar, entre tantos outros problemas ambientais. Os pesquisadores citam o *Jornal A Tribuna de Santos* que fez uma série de reportagens, expondo e midiaticando o acidente na Vila Socó, intitulada *Tragédia em Cubatão*. O jornal criticava fortemente as autoridades que se mantinham negligentes, sob o pretexto de imprevisibilidade do acidente, destacando a falta de manutenção dos oleodutos e a ocorrência de incêndios anteriores causados pelo vazamento de gasolina. Novamente, como Marcelo Ariel afirma em entrevistas e versos, as tragédias se repetem constantemente atingindo as populações mais pobres. Klanovicz e Ferreira Filho (2018) trazem ainda um trecho do jornal que ilustra o descaso com a população afetada pelo acidente: “Amaldiçoada Cubatão, das soluções adiadas, das embromações e do abandono. Quantas tragédias ainda se escondem, na espreita, na perspectiva de cada madrugada? Mesmo esta catástrofe, que se anunciava desde horas antes, não foi evitada” (TS, 1984 *apud* KLAVOVICZK; FERREIRA FILHO, 2018, p.15).

Diante do exposto acima, analisamos o trecho a seguir do poema *Caranguejos aplaudem Nagasaki*, destacando a passagem do anjo no momento em que o acidente ocorre:

[...]  
 A sirene das fábricas não  
 Silencia  
 Dois serafins passando pelo local  
 Sussurram no ouvido  
 do Criador  
 “Vila Socó: meu amor”  
 Uma velha permaneceu deitada  
 em volta da cabeça na auréola  
 o último pensamento passa  
 o coro das sirenes  
 no meio do breu iluminado  
 uma garça voa assustada

com os humanos e seu inferno criado  
 no mangue o vento move as folhas  
 [...]  
 (ARIEL, 2019, p.24-25).

Nos versos acima, se vê a prece que os anjos (serafins) fazem ao Criador ao verem a cidade ser consumida pelas chamas, “Vila Socó meu amor”, que faz referência à música de Gilberto Mendes para uma peça de Coral *in memoriam* dos mortos da tragédia de Cubatão:

Não devemos esquecer  
 Os nossos irmãos da Vila Socó  
 Transformados em cinzas  
 Lixo em pó  
 A tragédia da Vila Socó  
 Mostra como o trabalhador  
 É explorado, esmagado  
 Sem nenhuma dó

Vila Socó, Meu Amor Gilberto Mendes<sup>5</sup>

Gilberto Mendes (1991) nos conta que foi solicitado por Celso Deneri, que dirigia um coral feminino no Departamento de Música da Escola de Comunicações e Artes da USP, para fazer uma música, e que diante do horror transmitido pela notícia, sentiu-se inspirado e em “quase um improviso, ao correr dos dedos no piano, a música foi pensada para vozes femininas, à maneira das canções corais dos *partisans* da região do Voronejo, no tempo da grande guerra pátria dos russos contra o nazismo” (MENDES, 1991, p. 193). O compositor também afirma que com sua música pretendeu “[...] ter feito alguma coisa *in memoriam* dos mortos por aquela verdadeira bomba de Hiroshima que foi a explosão da Vila Socó” (MENDES, 1991, p. 193). De acordo com o compositor, a comoção da audiência provocada pela música, quando cantada em Cubatão, não foi suficiente para que as autoridades tomassem medidas para melhorar a qualidade de vida dos cidadãos da cidade, deixando-os desamparados até a atualidade:

A despeito das promessas e alegadas realizações, o meio ambiente continua sombriamente poluído. Volta e meia Cubatão entra em estado de alerta; ainda há pouco tempo explodiu e ardeu durante seis horas um grande tambor de gás, colocando em perigo toda a Baixada Santista, que esteve à beira de outra tragédia, de muito maiores proporções do que a de Vila Socó. O descaso não tem fim (MENDES, 1991, p. 193).

<sup>5</sup> Disponível em: [http://www.beakauffmann.com/mpb\\_v/vila-soco-meu-amor.html](http://www.beakauffmann.com/mpb_v/vila-soco-meu-amor.html) Acesso em: 18 mar. 2021

Ainda, em entrevista para o programa *Entrelinhas* da TV Cultura, citada anteriormente, Ariel diz que passou 20 anos tentando compreender as cenas apocalípticas do acidente em Cubatão e afirma que os poemas são resultados dessa falta de percepção acerca do acidente. O poeta também comenta que quando ouviu a música de Gilberto Mendes foi como se tivesse encontrado uma resposta. No entanto, sem conseguir verbalizá-la, insere a música como se fosse um filme dentro do poema.

No poema, lemos as reações e hesitações de várias pessoas comuns diante do acidente na cidade de Cubatão. Portanto, podemos supor uma aproximação entre os anjos e humanos, pois ambos estão desamparados. Conforme afirma Susana Kampff Lages, “[...] os anjos benjaminianos - e aqui podemos pensar nos anjos dos poemas de Marcelo Ariel” caracterizam-se sobretudo por sua fragilidade e sua impotência – ao contrário da imagem tradicional do anjo como mensageiro protetor e eterno [...]” (LAGES, 1998, p. 133-134).

Ainda em relação ao anjo da história, descrito por Walter Benjamin, com seu gesto de parar diante das cenas de destruição e seu desejo de “acordar os mortos” e reconstruir a história a partir dos fragmentos, nos versos adiante de *Caranguejos aplaudem Nagasaki*, o eu-lírico menciona uma série de desastres no Brasil e no mundo, como a erupção do Vesúvio que destruiu Pompéia, o incêndio no Edifício Joelma, o desastre marítimo de Andrea Doria, com o movimento cíclico de ruínas que a história é feita, tal como acontece na nona tese de Benjamin:

Vila Socó  
estacionou na História  
ao lado de Pompéia, Joelma e de Andrea Doria  
Pensando nisso  
ergo neste poema um memorial  
para nós mesmos  
vítimas vivas  
do tempo  
onde se movimenta a morte se espalhando pela paisagem  
como o gás  
que também incendeia o sol  
(bomba de extensão infinita)

[...]  
(o incêncio acaba e a garça pousa no mangue, onde os anjos sonham)

Naquela noite um acordou  
andou no meio das chamas  
e as chamas



o queimaram.  
(ARIEL, 2019, p. 25-26).

Na estrofe final, os anjos estão sonhando e apenas um acorda e sente que ao andar diante das chamas, elas o queimam. No artigo de Susana Kampff Lages (1998), há uma reflexão sobre a significação do fogo presente nos anjos de Benjamin e que pode fazer sentido para a cena dos anjos descrita por Ariel ao fim do poema: “O fogo e o calor são também aspectos angélicos, atuam como meios de purificação, depuração espiritual” (LAGES, 1998, p. 136). Além do mais, os serafins, uma das estirpes de anjos, possuem no hebraico a tradução por “aquele que queima e se purifica pelo fogo”. Com isso, pode-se pensar o fogo, que queima o anjo desperto no poema de Ariel, como uma forma de purificação, diante da sua incapacidade de frear os desastres que acontecem ao longo da história.

De acordo com Ribeiro (2019), esse olhar do poeta sobre o acidente em Cubatão revela as múltiplas conexões que a história estabelece a partir da série de acontecimentos semelhantes, tornando a história um *continuum* de catástrofes que a compõem, e que nas periferias brasileiras se atualizam ganhando novas dimensões. Além disso, ao trazer a figura angélica em cena, Ariel transforma um acontecimento local em um evento universal “que deixa de ser apenas a enésima confirmação do abandono social a que os mais pobres estão submetidos no Brasil para se conectar, como mais um elo na cadeia, ao amontoado de ruínas que, vindo de todos os tempos e lugares, cresce até os céus[...]” (RIBEIRO, 2019, p.123).

Quando Ribeiro destaca que as periferias brasileiras e a classe trabalhadora são as mais atingidas pelas catástrofes do progresso civilizacional – como se vê também na música de Gilberto Mendes – é importante lembrar que a cidade de Cubatão, a partir da ditadura militar, tornou-se um grande polo econômico no Brasil, pois, é lá que foi instalado o primeiro pólo petroquímico brasileiro. Desde então, a cidade de Cubatão se tornou mundialmente conhecida, levando o título de cidade tóxica<sup>6</sup>, devido à série de problemas ambientais que se sucederam desde a instalação do polo petroquímico que contaminou as florestas e a população local, composta em sua maioria pelos trabalhadores da indústria petroquímica.

### **O pássaro das Sete Quedas**

<sup>6</sup> “Como afirmado pelo ecólogo Samuel Murgel Branco (1984) em seu livro *O Fenômeno Cubatão*, no qual é exposta a visão do autor sobre os efeitos negativos das indústrias poluidoras na cidade de Cubatão e na baixada Santista que “graças a sua reputação ambiental negativa na década de 1980, e que por este mesmo motivo tenha produzido uma identidade sob um ‘discurso ecológico’” (FILHO, 2015, p.27).



Saiamos do fogo e vamos para a água. No poema *Ailton Krenak conversa com Casé Tupinambá* a figura do anjo não faz presença, mas, ainda assim, há menção a uma criatura alada: o pássaro. Além de serem criaturas com asas, tanto o anjo quanto o pássaro estão intimamente ligadas ao sagrado, mesmo que em diferentes contextos. Diferentemente do anjo, que carrega esse teor imaculado para a cultura hegemônica ocidental, o pássaro, assim como outros animais e matérias da natureza, faz parte do sagrado de várias culturas indígenas latino-americanas, incluindo a dos Avá-Guarani, que possuem íntima conexão com o mundo ecológico<sup>7</sup>. Observamos que em grande parte da poesia de Ariel, o anjo se anuncia em ambientes urbanos, como Cubatão. Neste poema, no entanto, o anjo é transfigurado na figura do pássaro que aparece para colocar em pauta uma problemática ecológica que se confronta com a espiritualidade de povos indígenas:

Na aldeia acorda o pássaro das Sete Quedas  
cantando  
porque é o corpo que está  
na *anima mundi*  
ou seja nas asas

Cancela a usina  
com o cantar  
porque a voz está  
no rio abraçando o mar

Há um *Devir-Tekoha*  
atravessando todo o espaço  
chamado erroneamente de Brazil  
e dos espíritos dos indígenas assassinados  
saem as afluentes do real  
(ARIEL, 2019, p.397).

Logo no primeiro verso, o eu-lírico faz menção às Sete Quedas conectando-as intimamente ao animal alado. O pássaro acorda na aldeia cantando, pois seu corpo faz parte

---

<sup>7</sup> Para exemplificar a questão do sagrado indígena em relação à natureza, citamos um trecho do artigo *Construindo aldeias e recuperando florestas: conservação ambiental e a sustentabilidade Avá Guarani* (2020), no qual o pesquisador Renan Pinna explora, especificamente, o modo de vida dos Avá-Guarani, povo indígena protagonista do caso das Sete Quedas de Guaíra, que trataremos a seguir. “Em conversa com uma senhora sobre os hábitos dos antigos Guarani em meio à vida na floresta, ela os definiu como *avá ka’aguy*, gente da floresta. Segundo ela, era assim que esses se referenciavam a si mesmos, pois as matas são o lugar de habitação por excelência dos Avá Guarani. Para extrair os elementos nesse mundo, devem pedir autorização aos *jará kuery*, espíritos donos dos domínios terrestres, que são os que cuidam dos rios, árvores, plantas, florestas, pedras, corredeiras, montes, espécies animais, minerais e vegetais, a partir de uma coletividade invisível.” Em nota de rodapé, o pesquisador complementa: “No caso dos Avá Guarani, expressam terem espíritos donos, o rio Paraná, as Sete Quedas, os animais, as florestas, as plantas, e os lugares sagrados que compõem o território” (PINNA, 2020, p. 158).

da “alma do mundo” (*anima mundi*<sup>8</sup>), que no poema é comparada às asas, com a função de anunciar uma memória coletiva indígena traçada pelo poema como um todo. Nesse sentido, entendemos que “o pássaro das Sete Quedas” metaforiza “a alma das Sete Quedas”. E o que seriam essas Sete Quedas?

No interior do Paraná, onde o estado compartilha as águas do Rio Paraná com o Paraguai e o Mato Grosso do Sul, descansam, submersas, as maiores cachoeiras em volume de água do mundo. A pequena cidade paranaense de Guaíra e sua vizinha paraguaia Salto del Guairá, que carregam memórias que já são esquecidas pelo restante dos povos brasileiro e paraguaio, deixaram de ser cidades movimentadas pelo ritmo das Sete Quedas, visto que recebiam diariamente pessoas de diferentes partes da América Latina, para se consolar com um cemitério de águas que segura a ponte Ayrton Senna, entre o Paraná e Mato Grosso do Sul, por onde inúmeros brasileiros cruzam diariamente com destino ao Paraguai, em busca de preços chamativos e do consumo dos mais diferentes tipos de produtos. Guaíra e Salto del Guairá ainda são marcadas por receberem pessoas de diferentes partes do Brasil, mas não mais com objetivos turísticos e de contemplação da Natureza.

A construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional<sup>9</sup>, aquela que seria a maior usina hidrelétrica do mundo, resultou na submersão daquelas que foram as maiores cachoeiras do mundo em volume de água. Tal usina, que, durante o regime militar, trouxe a promessa de desenvolvimento e progresso para o Brasil, modificou significativamente o espaço sociogeográfico do extremo Oeste paranaense, resultando no desaparecimento de belezas naturais, em inundações de terras agrícolas e habitacionais, e na morte de inúmeras plantas e animais nativos.

Assim, em 1982, o Salto de Sete Quedas - conhecido no lado paraguaio por *Salto del Guairá* - desapareceu com a formação do grande Lago de Itaipu. Como Carlos Drummond de Andrade anunciou em sua poesia, “Faz-se do movimento uma represa / Da agitação faz-se um silêncio” (1982). O poeta que, no poema *Adeus a Sete Quedas*, expressou em palavras poéticas a sua revolta e o luto de tantos outros brasileiros na época do ocorrido, não deixou de lamentar pelo conseqüente apagamento da memória dos povos indígenas: “Cessa o estrondo

---

<sup>8</sup> Conceito cosmológico que assume a ideia de que uma força material é inseparável da matéria dando-lhe forma e movimento. Nesse sentido, a alma do mundo (*anima mundi*) seria a fonte de toda vida, sensibilidade e movimento. (FLEMING, 1869).

<sup>9</sup> A barragem, pertencente a dois países, Brasil e Paraguai, foi construída entre 1975 e 1982.

das cachoeiras, e com ele / A memória dos índios, pulverizada, / Já não desperta o mínimo arrepio” (ANDRADE, 1982).

Grande parte da população afetada pelo fim das Sete Quedas e a formação do lago da Itaipu refere-se ao povo indígena Avá-Guarani que fazia morada às margens do rio Paraná e que preservou, por tantos anos, histórias e memórias que rondavam as Sete Quedas e o território anterior ao alagamento provocado pela Itaipu. No artigo *Memórias submersas: análise sobre as memórias coletivas na formação do reservatório de Itaipu*, Aracelli Bianchin e Bruno Marcelino (2019) colocam em pauta o apagamento da memória dos povos prejudicados pela construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu e a formação do Lago. Os pesquisadores pontuam um importante contraste nesse processo entre as memórias vividas pelas comunidades atingidas e a memória oficial, que é transmitida aos turistas que visitam a Usina Hidrelétrica de Itaipu:

No processo de formação do Reservatório identificam-se duas forças opostas que polarizaram conflitos: de um lado a visão do desenvolvimento e do progresso expressa pelo Estado Nacional, que declarou que as pessoas atingidas pela formação do Reservatório estariam se sacrificando pelo país, sendo, portanto, patriotas (GERMANI, 2003). Do outro lado, e a partir do “sacrifício” molda-se a outra força, isto é, a resistência da população, a qual, sem possibilidade de escolha, deveriam deixar suas propriedades. Esse campo de forças culminou em manifestações populares e representações de luta que a memória coletiva de poder, a memória nacional, não incluiu. (BIANCHIN, MARCELINO, 2019, p. 2)

Apesar de colocar em pauta o apagamento das memórias das comunidades atingidas pela formação do Lago de Itaipu, o estudo de Bianchin e Marcelino (2019) foca apenas na questão dos agricultores e de civis não-indígenas das cidades costeiras atingidas. Por isso, nos debruçamos no artigo *Caso Avá-Guarani e a UHE Itaipu Binacional sob os olhares da Justiça de Transição* (2019), de Júlia Navarra, para contextualizar e dar enfoque para a condição histórica dos povos indígenas Avá-Guarani da região Oeste paraense.

Apesar de possuir a maior população indígena da América Latina, os Guarani ainda possuem um número bastante reduzido de terras reconhecidas. Navarra explica que o Oeste paranaense apresenta apenas um retrato desse fato em escala nacional:

O Oeste do Paraná é apenas um reflexo deste quadro em escala nacional. Contendo uma população que soma aproximadamente mais de 2 mil indígenas, os Avá-Guarani da região abrangida se distribuem, em cerca de 25 Tekohas (aldeias) ao todo - quatorze localizadas em Guaíra e Terra Roxa; cinco em Santa Helena; duas em Itaipulândia, uma em São Miguel do Iguaçu e duas em Diamante D'Oeste (NAVARRA, 2019, p. 137)

Além disso, é preciso pontuar os abusos que esses povos vêm sofrendo desde a colonização portuguesa até a metade do século XX, em que autoridades incentivavam a invasão e tomada de seus territórios por terceiros. Merece destaque a campanha getulista, de 1940, conhecida por “Marcha para o Oeste”, a qual “despendeu esforços em uma grande missão colonizadora a “ocupar” um suposto vazio demográfico” (NAVARRA, 2019, p. 140), provocando a tomada de áreas de floresta do Oeste paranaense por famílias advindas principalmente do Rio Grande do Sul, que construíram ali suas moradas e suas terras agrícolas. Conseqüentemente, “entre os anos 1930 e 1960, especificamente no estado do Paraná, muitas ocupações indígenas foram tituladas para empresas de colonização e particulares” (NAVARRA, 2019, p. 140).

O último grande movimento desse processo colonizador, que forçou os povos Avá-Guarani para fora do Estado e do país, foi a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu Binacional. Navarra destaca que isso “remonta um processo violento de drástica interferência na paisagem, nos espaços e nos recursos da região a dar suporte para a sobrevivência física e cultural do povo Avá-Guarani” (NAVARRA, 2019, p. 141).

Sobre a interferência no espaço geográfico da região, Djeovani Roos (2012) analisa os impactos ambientais provocados pelo Lago da Itaipu, que vão além do desaparecimento das Sete Quedas. Citando Santos (1997, p. 111), o pesquisador explica que a construção de hidrelétricas cria “uma configuração territorial que é cada vez mais o resultado de uma produção histórica e tende a uma negação da natureza natural, substituindo-a por uma natureza inteiramente humanizada” (ROOS, 2012 p. 6). No caso do Oeste paranaense, várias cidades criaram “praias” artificiais na costa do grande lago, como Santa Helena, Itaipulândia, Missal e Santa Terezinha do Itaipu. Em 2020, a cidade paraguaia de Salto del Guairá também construiu uma “praia” artificial, ou uma “natureza humanizada”, novo ponto turístico que hoje substitui a sua sepultada “natureza natural”, o Salto de Sete Quedas.

Nesse sentido, as praias de água doce criadas nas beiras de lagos, em especial daqueles formados por represas de usinas hidrelétricas, remetem, de certa forma, às praias tradicionais localizadas nas costas dos oceanos. Assim, ao compararmos o “antes e depois” da formação do Lago da Itaipu, conseguimos verificar uma ideia metafórica de que as Sete Quedas foram engolidas por um “mar de águas”.

Dadas essas considerações, voltemos ao poema em análise. O eu-lírico proclama que o pássaro das Sete Quedas “Cancela a usina / com o cantar / porque a voz está / no rio abraçando o mar”. Comprendemos que essa voz, que vem do cantar do pássaro das Sete Quedas, ou seja, de sua alma, continua viva no fundo do rio que virou “mar”. A voz simbolizaria o som das cachoeiras que sumiram com a formação do Lago de Itaipu, vítimas de um dos maiores crimes ambientais cometidos pelo homem, mas que permanecem vivas na memória coletiva de quem as conheceu, em especial, do povo Avá-Guarani, que foi privado de suas territorialidades. Nesse sentido, a memória das Sete Quedas é capaz de cancelar a memória oficial que reafirma a ideia de progresso promovida pela construção da usina hidrelétrica.

Aos olhos de muitos brasileiros, a Itaipu Binacional, como outras usinas hidrelétricas, é motivo para se orgulhar, tendo em vista que produz a energia utilizada em grande parte do território brasileiro e até certo ponto, de forma renovável. A propaganda governamental omite a dimensão catastrófica inflamada pela construção de hidrelétricas. Nesse sentido, diferente da catástrofe em Cubatão, que aconteceu de forma “acidental”, - mesmo que em consequência de irresponsabilidades da Petrobras, e outras autoridades, em relação à segurança industrial, - a destruição de espaços ecológicos relevantes, como o Parque Nacional das Sete Quedas<sup>10</sup>, que ocasionou a morte de inúmeros animais e a inundação, muitas vezes sem aviso prévio, de aldeias indígenas, foram planejadas e conscientemente previstas pelos órgãos responsáveis. O que para muitos representa um grande avanço tecnológico e econômico no Brasil, esconde o sofrimento dos povos indígenas em testemunhar a imagem desastrosa de sua terra de origem e seus lugares sagrados sendo afogados pela artificialidade de uma nova paisagem.

Navarra coloca que a Comissão Nacional e Estadual da Verdade expõe que ao menos 32 aldeamentos na região costeira do Oeste paranaense “ficaram completamente submersos, alguns deles nos quais as pessoas só descobriram que teriam que sair quando viram a água

---

<sup>10</sup> Em nota de rodapé no artigo *Construindo aldeias e recuperando as florestas: conservação ambiental e a sustentabilidade Avá Guarani*, Renan Pinna explica que “em 1961, antes da construção da hidrelétrica da Itaipu Binacional, se constitui a criação do Parque Nacional das Sete Quedas. Criada por Decreto Presidencial 50.665 para “a proteção e cuidados especiais do Poder Público, as obras, monumentos de valor histórico, bem como os monumentos naturais, as paisagens e os locais de particular beleza”, mas considerando “a necessidade de resguardar-se a posse das terras ocupadas pelos índios Xetas e de outras tribos que habitam a região”. Ante a iminência do alagamento das Sete Quedas com a construção da hidrelétrica da Itaipu Binacional, em 1981, o Decreto 81.706 extingue o Parque Nacional das Sete Quedas, sem fazer nenhuma menção, dessa vez, aos povos indígenas que habitam essa região. Porém, nessa mesma época, a Funai teria recebido a informação da presença de indígenas na região” (PINNA, 2020, p. 151).

subindo repentinamente” (2019, p. 141). A pesquisadora manifesta que a relevância estratégica da Itaipu para o regime militar absolveu os responsáveis por crimes de caráter civil e ambiental, os quais são hoje denunciados pelos povos vitimados:

Segundo relatos dos próprios Avá-Guarani, muitos foram expulsos sem qualquer tipo de consulta ou reparação, mediante ameaças, violências físicas e psicológicas, incêndios das suas casas, inundando a maior cachoeira do mundo em volume de água, as Sete Quedas, cujo valor cosmológico e espiritual para os indígenas da região fez com que muitos preferissem morrer ao viver sem o legado de Nhanderu (deus) (NAVARRA, 2019, p. 141).

Para além de tratar com descaso a situação dos Avá-Guarani, o autoritarismo do regime militar permitiu que fossem cometidas uma série de atrocidades pela ação e omissão do Estado, as quais são atribuídas a agentes públicos e privados. Navarra complementa que:

Com uma orientação política integracionista e colonizadora, não houve (e, infelizmente, ainda não há) espaço para outros modos de vida em solo nacional. O interesse público e privado sobre o território serviu de base a justificar uma série de graves violações de direitos humanos perpetradas contra os povos indígenas da região. Apenas considerando as violências documentadas pelos relatórios arrolados, os povos indígenas que viviam no Oeste paranaense sofreram por diversas práticas, tais como genocídios, envenenamentos, torturas, sequestros, apagamento cultural, contaminação dolosa por doenças, cárcere privado, trabalho escravo, remoções forçadas, incêndios de suas casas... Os Avá-Guarani, junto com outras etnias, trazem tristes relatos sobre esse período, havendo, inclusive, lembranças recentes de lideranças que tem na memória experiências vividas nesse passado. (NAVARRA, 2019, p. 148)

Hoje, essas comunidades indígenas demandam reparações para além dos danos materiais, solicitando “o reconhecimento territorial, programas de recuperação das áreas degradadas e a implementação de medidas a combater o preconceito sofrido por eles na região até hoje” (NAVARRA, 2019, p. 149). Nesse contexto, encaixamos a última estrofe do poema que menciona que “Há um *Devir-Tekoha*” que atravessa todo o espaço chamado erroneamente de “Brazil”. No livro *Tekoha: Lutas indígenas pelo território* (2019), Mondardo esclarece que o conceito de *tekoha*<sup>11</sup>, originário da língua guarani, não possui “a mesma concepção de território e muito menos a organização espacial que as sociedades não indígenas” (MONDARDO, 2019, p. 52). Para os povos indígenas, o *tekoha* é o território que os conecta com sua identificação, significando “o pertencimento à terra, às relações históricas

---

<sup>11</sup> “*Tekoha* é o espaço da cosmologia Guarani Kaiowa. É onde uma liderança ou família extensa (*tey’i*) exerce o controle físico e simbólico do espaço pelo seu modo de ser, o *teko*” (MONDARDO, 2019, p. 59).

e políticas de um grupo local tradicional e das relações de dominação e apropriação afetivo-simbólica de um lugar” (MONDARDO, 2019, p. 78). Nesse sentido, a terra é, para esses povos, “a dimensão imanente da relação entre o povo e o seu território” (MONDARDO, 2019, p. 78). Esse *Devir-Tekoha* seria, portanto, um movimento de resistência permanente por parte dos diversos grupos indígenas do Brasil, ou como especifica Mondardo:

As lutas pelos territórios indígenas é um projeto futuro. De um futuro para os povos indígenas. Daí a importância da memória e da reorganização da memória coletiva dos indígenas, memórias das expulsões, no redesenhar desta territorialidade na contemporaneidade. Esses povos estão reelaborando a sua territorialidade a partir das memórias coletivas dos antepassados, das desterritorializações/expulsões e das lutas para reconfigurar as demandas atuais por demarcação de terras traduzíveis na categoria densa *tekoha*. A multiplicidade das lutas indígenas Guarani e Kaiowa por território – terra, corpo, *tekoha* e retomada – são a possibilidade concreta, simbólica e subjetiva do devir indígena. Devir-minoria, devir-*tekoha*. (MONDARDO, 2019, p. 79)

Isso posto, o eu-lírico do poema reverbera essa resistência, e, ao complementar que esse espaço é chamado erroneamente de “Brazil”, com “z”, denuncia não somente as invasões e tomadas do território que remontam desde a colonização portuguesa, mas também a relação de colonialidade que nações, como os Estados Unidos, impõem ao Brasil em contextos socioeconômicos e culturais. Considerando esse traçado histórico, o *Devir-Tekoha* não faz parte apenas da luta dos contemporâneos, mas também “dos espíritos dos indígenas assassinados” que permeiam e inspiram a memória coletiva indígena. É dessas memórias que “saem as afluentes do real”. Conhecer a história das Sete Quedas de Guaíra, especialmente o lado oposto da história contada pela Itaipu, reafirma o entendimento de que juntamente a um crime ambiental imperdoável, o Brasil em “desenvolvimento”, com viés colonialista promovido pela Ditadura Militar, cometeu um grande crime contra a humanidade - que muitos desconhecem ou preferem ignorar.

Quase 30 anos depois, o Brasil vivenciou história semelhante. Coincidentemente, na Amazônia, existiu uma corredeira nas águas do rio Teles Pires - que banha os estados do Mato Grosso e Pará -, que levava o nome de Salto Sete Quedas. Não bastasse o nome, o lugar, “considerado sagrado pelos povos indígenas da região, os Munduruku, os Kayabi e os Apiaká” (BRISSAC, 2019, p. 15), teve o mesmo destino que o seu homônimo paranaense-paraguaio: foi engolido pelas águas, consequência da construção da Usina Hidrelétrica Teles Pires. Os Munduruku destinaram várias cartas ao governo brasileiro em forma de resistência à



construção da hidrelétrica e em luta pela demarcação de terras. Nelas, denotaram o teor sagrado das Sete Quedas do rio Teles Pires, descrevendo que o lugar é “onde os mortos estão vivendo, o céu dos mortos, ou seja, o mundo dos vivos, o reino dos mortos” e esclarecendo que “também existem urnas funerárias enterradas no local, o enterro de nossos antigos guerreiros” (BRISSAC, 2019, p. 19). Lamentavelmente, desvalorizando, mais uma vez, a importância espiritual, cultural e geográfica do local para os indígenas e desconsiderando os direitos desses povos, o governo<sup>12</sup> consentiu com a destruição de mais uma Sete Quedas, em prol de interesses econômicos e com a justificativa de ampliação do desenvolvimento tecnológico nos diferentes espaços brasileiros.

Semelhante ao modo de representar a história de Cubatão, em *Ailton Krenak conversa com Casê Tupinambá*, o poeta também evidencia uma continuidade catastrófica a partir das repetições da história, levantando a emergência de conscientização ambiental em busca da transformação da história futura. O diálogo entre duas grandes figuras da representatividade indígena brasileira, Ailton Krenak<sup>13</sup> e Casê Tupinambá<sup>14</sup>, como proposto no título do poema, simboliza a conexão entre as duas infelizes histórias das duas Sete Quedas brasileiras que, embora ocorridas em contextos temporais distintos, são tão semelhantes em sua trajetória. É uma conversa que exprime a importância da luta ecológica e da resistência dos povos indígenas nesse cenário. Um diálogo entre diferentes povos e histórias, para manter viva a memória que confronta o que é dito pela memória e história promovidas pelo Estado. Como o próprio Ailton Krenak anuncia, em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, “já que a natureza está sendo assaltada de uma maneira tão indefensável, vamos, pelo menos, ser

<sup>12</sup> “Em dezembro de 2010, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – Ibama – emitiu licença prévia para o empreendimento da Usina Hidrelétrica Teles Pires e em agosto de 2011, sua licença de instalação” (BRISSAC, 2019, p. 15).

<sup>13</sup> “Ailton Krenak nasceu em 1953, na região do vale do rio Doce, território do povo Krenak, um lugar cuja ecologia se encontra profundamente afetada pela atividade de extração de minérios. Ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas, organizou a Aliança dos Povos da Floresta, que reúne comunidades ribeirinhas e indígenas na Amazônia. É um dos mais destacados líderes do movimento que surgiu durante o grande despertar dos povos indígenas no Brasil, que ocorreu a partir da década de 1970. Contribuiu também para a criação da União das Nações Indígenas (UNI). Ailton tem levado a cabo um vasto trabalho educativo e ambientalista, como jornalista, e através de programas de vídeo e televisivos” (KRENAK, 2019, p. 41).

<sup>14</sup> “Carlos José Ferreira dos Santos, o Casê Angatu Xucuru Tupinambá. Santos é graduado e mestre em História e doutor em História da Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo (USP). É professor na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), onde, em conjunto com o povo Tupinambá, desenvolve diversas ações na comunidade e junto à Escola Indígena Tupinambá de Olivença”. Disponível em: <https://www.feevale.br/acontece/noticias/aula-aberta-de-historia-recebera-case-angatu-xucuru-tupinamba-do-povo-tupinamba> Acesso em: 15 mar. 2021

capazes de manter nossas subjetividades, nossas visões, nossas poéticas sobre a existência” (2019, p. 15). Assim, o corpo que está nas asas do pássaro das Sete Quedas, nos versos do poema, é esse movimento indígena de união e resistência que se fortalece no espaço brasileiro.

### **Considerações Finais: o poeta “vomita sua luz no banheiro sujo da humanidade”**

A partir da leitura de dois poemas de Marcelo Ariel, foi possível vislumbrar o quanto os desastres ambientais, ou ainda, o desenvolvimento insustentável e todas as mazelas que ele gera, refletem na obra do poeta. Ademais, nota-se que o poeta rima a catástrofe social de seu tempo com a filosofia, a literatura, e as artes em geral, que permeiam sua obra poética. Portanto, tentamos abarcar os dilemas expressos nos versos de Ariel para refletir algumas questões ambientais e sociais, a fim de contribuir para os estudos ecocríticos.

No primeiro caso, o acidente em Cubatão, vemos o descaso e a negligência das autoridades federais, estaduais e locais, tanto que nem se sabe ao certo o número de mortes. Este é apenas um dos silenciamentos que o caso sofreu e ainda sofre. O jornal *Tribuna de Santos*, como citado no artigo, teve papel importante para a divulgação desse caso, mas mesmo assim não foi suficiente para escancarar todas as mazelas desse progresso que resultou numa tragédia. Assim, Marcelo Ariel, poeta contemporâneo, que viveu em Cubatão nas décadas em que aconteceram esses acidentes, é testemunha das tensões sociais geradas pelo desenvolvimento das grandes cidades e seus resultados genocidas à população pobre e marginalizada, que traz à baila novamente a temática em seus versos, tendo em vista que o caso Cubatão está presente em vários poemas do autor, não apenas no que fora estudado aqui.

Já no poema sobre as Sete Quedas, a questão do anjo da história de Walter Benjamin aparece novamente, ao trazer à tona a ideia de repetição contínua de tragédias ao longo da história da humanidade. O poema reverbera, de certa forma, dois eventos que coincidentemente se repetiram em lugares com o mesmo nome: a desapropriação de terras indígenas para a construção de usinas hidrelétricas, no rio Paraná, no estado do Paraná - perpassando o estado do Mato Grosso do Sul e o país vizinho Paraguai - e na Amazônia, nas águas do rio Teles Pires – que perpassa os estados do Mato Grosso e Pará. Os casos de ambas “Sete Quedas” geraram grande impacto negativo nas populações que viviam próximo a elas e nas paisagens ambientais ao redor delas.

Com isso, percebemos na poética de Ariel questões relevantes que se inserem na Ecocrítica. O poeta nos coloca como espectadores da toxicidade e do afogamento que os

modos de vida capitalista produzem. Tal como o anjo da história, olhamos para o passado (que aqui é feito de tragédias) e vemos nosso futuro mutilado, repetindo as ruínas do antes. Os poemas de Ariel vêm para nos lembrar que todos os desastres que vivemos, ambientais e sociais, não são ocasionais, mas fazem parte de uma guerra que nunca cessa:

[...] a mesma guerra que levou à capitalização das áreas de preservação de terras indígenas, ao confinamento e ao extermínio de todos os corpos cujos modos de conhecimento ou afecção desafiavam a ordem disciplinar, à caça às bruxas, à captura de corpos humanos para serem convertidos em máquinas vivas da plantação colonial; a mesma guerra na qual lutaram os revolucionários do Haiti, as cidadãs da França, os proletários da Comuna, aquela guerra que fez surgir a praia sob os paralelepípedos das ruas de Paris em 1968, a guerra dos soropositivos, das profissionais do sexo e das trans no final do século XX, a guerra do exílio e da migração (PRECIADO, 2018, p.11-12).

As questões mencionadas por Preciado podem ser visualizadas nos poemas de Ariel. Contudo, reiteramos que a obra poética dele vai além, pois traz referência aos mais variados temas da atualidade e da história, bem como diálogos com diversos artistas. Conforme o próprio artista afirmou no lançamento do seu livro *Me enterrem com a minha AR 15 (Scherzobrajada)* na Livraria Realejo em Setembro de 2007, sua literatura não é marginal por tratar desses temas, pois marginalidade é o que acontece em Brasília<sup>15</sup>. Portanto, o presente artigo não pretende esgotar as discussões acerca da obra de Marcelo Ariel, mas refletir sobre algumas questões urgentes em nossa sociedade, como os desastres ambientais e sociais, resultantes do desenvolvimento progressista aos modos de produção capitalista.

---

<sup>15</sup> Mais informações sobre o lançamento disponível no blog Portogente: <https://portogente.com.br/colunistas/alessandro-atanes/14169-dois-autores-leem-o-presente> Acesso em 15 mar. 2021

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, C. D. Adeus a Sete Quedas. *Jornal do Brasil*, Caderno 2, 09 set., 1982.
- ARIEL, M. *Ou o silêncio contínuo*. Curitiba: Kottter Editorial, 2019.
- BENJAMIN, W. Anúncio da revista *Angelus Novus*. In: BARRENTO, J. (Org). *O anjo da história / Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- BIANCHIN, A.; MARCELINO, B. C. A. Memórias submersas: análise sobre as memórias coletivas na formação do reservatório de Itaipu. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade*, v. 05, ed. especial, artigo nº 1620, mai., 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.23899/relacult.v5i5.1620>> Acesso em: 28 fev. 2021
- BRISSAC, S. G. T. *O direito dos povos indígenas à preservação de seus lugares sagrados: o povo Munduruku e o Salto Sete Quedas, na Amazônia Brasileira*. Monografia de Graduação (Bacharelado em Direito) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/49326> Acesso em: 15 mar. 2021
- FERREIRA FILHO, C. B. *A toxicidade de Cubatão: história ambiental, desastres tecnológicos e a construção do imaginário ambiental da cidade tóxica na década de 1980*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, Irati, 2015. Disponível em: [http://www2.unicentro.br/ppgh/files/2015/07/Disserta o de Clayton Barbosa Ferreira Filho\\_56339fb690c7b.pdf](http://www2.unicentro.br/ppgh/files/2015/07/Disserta_o_de_Clayton_Barbosa_Ferreira_Filho_56339fb690c7b.pdf) Acesso em: 10 mar. 2021
- FLEMING, W. *The vocabulary of Philosophy, Mental, Moral and Metaphysical: with quotations and references; for the use of students*. New York: Sheldon & Company, 1869.
- GARRARD, G. *Ecocrítica*. Trad. Vera Ribeiro. Brasília: Editora UnB, 2006.
- GLOTFELTY, C. Introduction: Literary studies in an age of Environmental Crisis. In: GLOTFELTY, C.; FROMM, H. (Org). *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Georgia: The University of Georgia Press, 1996.
- KLANOVICZ, J.; FERREIRA FILHO, C. B. A fabricação de uma cidade tóxica: A Tribuna de Santos e os desastres tecnológicos de Cubatão (Brasil) na década de 1980. *Cadernos do CEOM*, v.31, n. 48, jun, 2018. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/3979> Acesso em: 17 mar. 2021
- KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LAGES, S. K. Asas da interpretação - Notas sobre anjos em Walter Benjamin e Guimarães Rosa. *REVISTA USP*, n.39, set-nov, 1998. Disponível em: <https://www.usp.br/bibliografia/obra.php?cod=1433&s=grosa> Acesso em: 15 mar. 2021
- MENDES, G. Vila Socó meu amor. *Estudos Avançados*, v. 5, n.13, set-dez, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8629> Acesso em: 17 mar. 2021
- MONDARDO, M. *Tekoha: Lutas indígenas pelo território*. Boa Vista: Editora UFRR, 2019.

- NAVARRA, J. C. Caso Avá-Guarani e a UHE Itaipu Binacional sob os olhares da Justiça de Transição. *Campos*, v. 20, n. 2, jul-dez, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/69825> Acesso em: 12 mar. 2021
- PINNA, R. Construindo aldeias e recuperando a floresta: conservação ambiental e sustentabilidade Avá Guarani. *Anuário Antropológico*, v. 45, n. 1, jan-abr, 2020. Disponível em: <https://journals.openedition.org/aa/4950> Acesso em: 13 mar. 2021
- PRECIADO, P. B. *La izquierda bajo la piel* Um prólogo para Suely Rolnik. In: ROLNIK, S. *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- RIBEIRO, G. S. A canção dos escombros: Walter Benjamin e a poesia contemporânea. *Aletria*, v. 29, n. 2, abr-jun, 2019. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/issue/view/683> Acesso em: 15 mar. 2021
- ROOS, D. O Lago de Itaipu e a problemática ambiental: uma análise crítica das questões ambientais na região de fronteira entre Brasil e Paraguai. *Revista Eletrônica Geoaraguaia*, v. 2, n. 1, janeiro/julho, 2012. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/geo/article/view/4805> Acesso em: 01 mar. 2021
- SILVA, J. F. M. *Antes e depois das Sete Quedas: o espaço geográfico de Guaira-PR*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2008. Disponível em: <http://tede.unioeste.br/handle/tede/2237> Acesso em: 15 mar. 2021